

ARMANDO B. MALHEIRO DA SILVA

UM ESTUDANTE PORTUGUÊS NO II REICH, 1897-1903

Apresentação de um Diário escrito em alemão



UNIVERSIDADE DO MINHO
Centro de Estudos Humanísticos

BRAGA — 2003

Um Estudante Português no II Reich, 1897-1903

Apresentação de um Diário escrito em alemão

ARMANDO B. MALHEIRO DA SILVA
Universidade do Minho

1. Um *Tagebuch* ou *Diário de Viagens* de um jovem português que rumou para a Alemanha, no final do século XIX, e aí permaneceu até 1903, constitui o alvo central desta comunicação, concebida e apresentada como uma primeira notícia geral do texto e do seu autor, bem como do contexto familiar. Contexto esse que enquadra e torna mais inteligível o relato diarístico, descoberto na sequência de um projecto de investigação histórico-familiar centrado, desde 1988, no estudo das Casas Armoriadas dos Arcos de Valdevez¹ e no decurso do qual tem sido possível encontrar documentação inédita de diversa tipologia², sem dúvida bastante importante para

¹ Ver SILVA, Armando B. Malheiro da; DAMÁSIO, Luís Pimenta de Castro; NOVAIS, Luís – *Casas Armoriadas dos Arcos de Valdevez. Subsídios para o estudo da nobreza arcoense*, vol I. Arcos de Valdevez: Câmara Municipal, 1 1989 (1.ª ed.)/ 2000 (2.ª ed.); SILVA, Armando B. Malheiro da; DAMÁSIO, Luís Pimenta de Castro; SILVA, Guilherme Rego da – *Ibidem*, vol. II, 1992; *Idem* – *Ibidem*, vol. III, 1993; e SILVA, Armando B. Malheiro da; DAMÁSIO, Luís Pimenta de Castro; FERNANDES, José Queiroga – *Ibidem*, vol. IV, 1996; e está em preparação o vol. V inteiramente dedicado à Casa da Coutada, de eu foi proprietário Pedro Queiroz Gaivão, autor do Diário que aqui apresentámos.

² Caso recente é a dissertação de Mestrado de FERNANDES, José Emanuel Queiroga – *Ecos do império nas cartas de Inácia e Ernesto Kopke. Volume I – Império e sociedade (1850-1880). Volume II – As cartas*. Braga: Universidade do Minho, 2001, onde são estudadas e transcritas na íntegra 75 cartas na sua maioria de D. Inácia Carolina Pimenta Barreto para sua mãe, que ficaram na posse dos herdeiros da filha D. Adriana Kopke Pimenta da Gama da Fonseca e Gouveia casada com António Queiroz Vaz Guedes, da Casa das Vessadas, Arcos de Valdevez, primo direito de Pedro Queiroz Gaivão, da Casa da Coutada.

o desenvolvimento dos estudos historiográficos de âmbito local e nacional.

No caso em foco a simples descoberta do *Diário*, distribuído por quatro cadernos pautados e manuscritos a tinta numa caligrafia razoável, gerou logo dois trabalhos em curso, além desta breve notícia de divulgação e da inserção de alguns elementos biográficos no volume 5 das Casas Armoriadas dos Arcos de Valdevez (Casa da Coutada, em preparação). Quatro iniciativas interligadas e complementares de que importa, sobretudo, destacar as mais significativas: a edição integral em versão bilingue do *Diário*³ e a elaboração de uma dissertação no âmbito do *Mestrado de Estudos Luso-Alemães: formação bilingue e intercultural*, do Departamento de Estudos Germanísticos do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho⁴. É de realçar a utilização pluri e interdisciplinar de uma fonte peculiar que interessa bastante aos estudos e pesquisas literárias, centradas na análise das narrativas autobiográficas pautadas por um Eu, no caso em foco, explicitamente assumido, assim como é também indispensável de um ponto de vista historiográfico (história da Família e histórias de vida).

Vem a propósito enfatizar a atitude anti-positivista com que esta fonte foi e está sendo encarada: trata-se de um texto ainda não divulgado, fora do restrito círculo familiar onde foi encontrado, mas sem adjectivos valorativos que fazem do coleccionismo e da bibliofilia um comércio e até uma distorção na medida em que despoleta o desejo de posse avara, da guarda discreta ou até secreta e da publicação com chancela única ou exclusiva de modo a mais ninguém ousar uma reedição, como se isso constituísse a «profanação» da «verdade» que o documento encerra⁵! Ao invés, a nossa

³ Projecto em curso assumido por Paulo Miguel Oliveira, Mário Matos e Armando Malheiro da Silva (Universidade do Minho) e a ser publicado na colecção Documentação das casas Armoriadas dos Arcos de Valdevez (edição da Câmara Municipal) coordenada por Armando Malheiro da Silva, Luís Pimenta de Castro Damásio e José Queiroga Fernandes.

⁴ Mestrando e autor da dissertação: Lic.do Paulo Miguel Oliveira. Orientador: Professor Doutor Orlando Grossegeesse.

⁵ Os historiadores hoje são insistentemente confrontados com a impossibilidade epistemológica dos pressupostos positivistas de oitocentos, os quais se mantêm, contudo, vivos, entre os arquivistas, que formam ainda um reduto anacrónico de «guardadores» de documentos com valor probatório de um acto verdadeiro. Trata-se de uma ilusão pueril: confunde-se prova com testemunho contextual isto é, com marca originária de um contexto espacio-temporal determinado, que encerra em si vivências reais ou inventadas, e em nenhum caso «a verdade» universal e absoluta.

perspectiva é assumidamente informacional e não patrimonialista ou documentalista: estamos a divulgar informação, entendida como fenómeno/processo humano e social, que consiste num conjunto estruturado de representações mentais codificadas (língua, som, imagem, números...) passíveis de serem materializadas num suporte (pergaminho, papel, banda magnética, celulósido, componente electrónica, etc.) e transmissíveis em tempos e espaços diferentes. Não sobrevalorizamos a raridade ou a importância subjectiva das mensagens, embora seja natural e inevitável enunciar juízos de valor sobre um texto, uma pintura ou uma canção. Pretendemos, sobretudo, mostrar a pertinência da noção operatória de «obra aberta», para parafrasearmos Umberto Eco, que se aplica por inteiro ao fenómeno informacional tal como o definimos. Uma noção que pressupõe e exige a partilha colectiva de actos individuais e que acentua o primado da comunicação e a reprodução permanente em detrimento da prática negativa de «clausura» estagnante e ocultista. Duas das seis propriedades intrínsecas da informação são precisamente a reprodutividade e a transmissibilidade, pelo que a comunicação é uma consequência directa da acção psícosocial de informar/representar ideias, emoções e percepções as mais diversas⁶. E ao consumir-se o texto no plano comunicacional emerge a importância do sentido, que vem de trás, ou seja, do próprio contexto de produção/criação, e implica o exercício hermenêutico com seus múltiplos desenvolvimentos. A criação originária de sentido e a infinita multiplicação de metamorfoses semânticas é uma necessidade intelectual profunda que anda associada a aspectos considerados fundamentais e inquestionáveis como sejam a vitalidade cultural e a evolução técnico-científica.

Não hesitamos, por isso, em chamar a atenção para a muito conhecida, mas pouco pensada prática colecionista de documentos (impressos, manuscritos, gravuras, desenhos, etc.), numa palavra, de informação⁷, desarticulada do ofício do escritor/do

⁶ Ver SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda – *Das «ciências» documentais à ciência da informação: ensaio de epistemologia para um novo modelo curricular*. Porto: Edições Afrontamento, 2002, pp. 28-43.

⁷ Há colecionismo de livros impressos ou manuscritos, belamente encadernados ou de edições reduzidas e raras, como também se colecionam obsessivamente porcelanas, bengalas, cachimbos, peças de mobiliário, etc, etc. O fenómeno é o mesmo, porque aparentemente o livro é um objecto passível de se converter em «fetiche» e de ser transaccionado por somas consideráveis, alimentando assim

investigador ou do pleno acesso por todos quantos dela necessitem. Há factores que distorcem o salutar e indispensável acto humano de produzir/coligir informação: factores irracionais (o gosto egocêntrico de possuir um livro raro ou uma primeira edição de um romance de um escritor apreciado) e económicos (a lei básica da oferta e da procura que dinamiza o mercado livreiro-alfarrabista, especulativo e «cego»), que andam associados a um trivial paradoxo: muitos dos que possuem e acumulam informação não a sabem usar ou transformar em proveito colectivo. E nem os esforços de democratização do saber e do acesso à informação intensificados a partir do século XIX e hoje extraordinariamente potencializados pela chamadas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação permitirão superar ou dissolver um paradoxo que tem fundas e sólidas raízes no que há de mais perene e imutável na natureza humana – a fruição egótica de um objecto de prazer e a obtenção de lucro material com o prazer próprio ou alheio.

2. Esta divagação preambular foi inspirada pela recusa do paradigma positivista dentro do qual se formaram gerações de aprendizes de historiador. E a descoberta de um *Diário* inédito pareceu-nos um pretexto oportuno para advertir os principiantes, os incautos ou ainda os obstinados sobre o que não devem fazer: não devem privar da partilha e do estudo interdisciplinar qualquer produto informacional polissémico, ignorado ou desconhecido; não devem querer divulgá-lo ou estudá-lo isoladamente sem convocar o concurso de outros especialistas de maneira a ser possível entretecer diferentes olhares para uma mesma leitura de conjunto; não devem, enfim, esquecer que as ciências sociais e humanas renovam-se e desenvolvem-se em razão directa do acréscimo exponencial de fluxo informacional disponível e da capacidade metodológica e hermenêutica de transformá-lo em sentido fecundante, por sua vez, de novos e sucessivos sentidos.

Vincadas estas prevenções podemos situar o texto no contexto, o que significa ligá-lo, desde já, ao seu autor e às circunstâncias

um sólido mercado antiquário. Mas o livro encerra (atenção: não suscita apenas, contém em si) informação e nesta medida há uma dimensão simbólica mais complexa no acto de coligir e guardar para si, de possuir em exclusivo algo – textos verbais, imagens, fórmulas matemáticas, figuras geométricas... – que confere Poder, maior ou menor, conforme as capacidades do detentor; do seu tempo e espaço específicos.

biográfico-familiares que o converteram em Ego indelével da sua narrativa diarística.

Pedro Queiroz Gaivão (ver figs. 1 e 2) nasceu a 22 de Dezembro de 1882, no 2.º andar da casa com o número de polícia 54, na rua Larga, em Coimbra, onde residiu até finais de 1889 com seus pais e sem mais irmãos. Durante cerca de sete anos fez várias estadas, mais ou menos prolongadas, assíduas ou não, em diversas localidades com a família ou em casa de familiares: praia da Granja, Espinho, Figueira da Foz, Estombar e Ferragudo (Algarve, de onde era originária uma parte da família paterna), Lisboa, Porto, Viana do Castelo, Santa Marta de Portuzelo (numa quinta dessa freguesia do concelho de Viana) e na Quinta da Coutada, freguesia de Giela, Arcos de Valdevez.

Filho de D. Maria da Conceição Teixeira de Queiroz Vaz Guedes e de Luís Mouzinho de Albuquerque Mascarenhas Gaivão, nasceu no seio de uma família influente e aparentada com figuras de relevo nacional. O pai, bacharel em Filosofia pela Universidade de Coimbra, era irmão de D. Maria José Mascarenhas Gaivão, esposa e prima direita do malogrado tenente-coronel Joaquim Augusto Mouzinho de Albuquerque (1855-1902)⁸, o famoso «herói de Chaimite», preceptor e aio do príncipe herdeiro D. Luís Filipe. E a mãe era filha do ex-militar, lente de prima na Faculdade de Matemática, deputado e conselheiro da Coroa José Teixeira de Queiroz Moraes Sarmiento (1816-1879), senhor de várias casas nos Arcos de Valdevez e da casa do Soutelo, em Amarante, e de D. Maria Júlia Pimenta da Gama Barreto, de Viana do Castelo⁹.

Em Novembro de 1889, segundo o seu próprio relato diarístico, partiu com os pais para Nancy, na Lorena francesa, lembrando-se de duas paragens ocorridas durante a viagem: Medina del Campo e Paris, não retendo, porém, desta luminosa capital quaisquer ima-

⁸ Sobre a ascendência do celebrado militar africanista que conseguiu neutralizar em Moçambique a rebelião do Gunganhana, aprisionando-o, ver PINHEIRO, Magda – *Luís Mousinho de Albuquerque: um intelectual na revolução*. Lisboa: Fundação Maria Manuela e Vasco de Albuquerque D'Orey/Quetzal Editores, 1992, pp. 29-38.

⁹ Irmã de D. Inácia Carolina Pimenta Barreto, casada com Ernesto Kopke, filho do 1.º Barão de Massarelos, citados em nota atrás. D. Maria Júlia e o Doutor José Teixeira de Queiroz foram senhores, entre outras, da Casa das Vessadas, nos Arcos. Ver SILVA, Armando Barreiros Malheiro da; DAMÁSIO, Luís Pimenta de Castro; SILVA, Guilherme Rego da – *Casas armoriadas do concelho dos Arcos de Valdevez*, ob. cit., pp. 114-144.

gens. O pai deslocara-se com a família para esse extremo nordeste gaulês, confinante com o Império Alemão, animado do propósito que viria a concretizar de se especializar em silvicultura. Nas férias grandes de 1890 e de 1891 passeou pela Alsácia Lorena, então sob o domínio germânico, e pela Suíça, regressando em Dezembro desse ano a Portugal.

Em 1 de Novembro de 1892, aos nove, quase dez, anos de idade, parte para a Índia portuguesa, mais precisamente para Pouxá, distrito de Goa, onde o pai ia exercer o cargo de Administrador Florestal, tendo-se depois instalado em Salvassa, no distrito de Damão. Durante essa estada no Oriente, da qual ficaram alguns apontamentos diarísticos¹⁰, fez umas surtidas a Bombaim, na Índia inglesa, e arredores. Pouco mais se sabe, porque pouco mais nos conta sobre esses três anos que se manteve nessas longínquas e exóticas paragens. A 12 de Fevereiro de 1896 regressa à Europa apenas com a mãe. Data, aliás, deste período a separação de facto dos pais.

De Março até final de 1896 esteve a maior parte do tempo em Celas, Coimbra, tendo feito umas visitas aos Arcos, a Soutelo em Amarante, a Lisboa, a Estombar e Ferragudo, de onde voltou, de vapor, à capital do reino.

Em 13 de Abril de 1897 voltaria a entrar num vapor – o *Kronprinz* – com destino a Hamburgo, fazendo uma só escala em Roterdão. O seu destino era Döbeln, onde chegou a 23 desse mesmo mês. Aos catorze anos de idade penetrava no coração do Segundo Reich, cujo grande obreiro e figura tutelar era o príncipe Otto von Bismarck (1815-1898) e a capital a prussiana cidade de Berlim¹¹.

Os objectivos da viagem e subsequente estada na Alemanha são claramente educativos, reflectindo uma tendência que aflora nas elites portuguesas da segunda metade do séc. XIX, ou seja, o envio

¹⁰ Ver SILVA, Armando Barreiros Malheiro da; DAMÁSIO, Luís Pimenta de Castro; e FERNANDES, José Queiroga – *Casas Armoriadas do concelho dos Arcos de Valdevez*, vol. V, ob. cit. (no prelo).

¹¹ Cidade que impressionou o general Gomes de Sousa pela sua sóbria homogeneidade: *Nos primeiros tempos da minha estada em Berlim*, – deixou ele escrito em suas memórias publicadas – *procurei a parte antiga da cidade e bem assim os seus bairros pobres, para melhor poder avaliar os usos e costumes. Perfeita ilusão! Nada me foi possível encontrar, porque a cidade tinha por tóda a parte o mesmo aspecto* (Cf. SOUSA, General Gomes de – *Meio século de vida militar, 1888-1936*. Coimbra: Coimbra Editora, Lda, 1938, p. 82).

de seus descendentes para colégios e universidades estrangeiras. Uma opção minoritária se comparada com o recurso mais comum à contratação de educadores particulares (sobretudo preceptoras estrangeiras) pela aristocracia e pela alta burguesia próspera. Mas se nos parece globalmente diminuta essa alternativa no período em foco, arriscamos pensar, embora nos faltem, infelizmente, dados estatísticos seguros, que enviar jovens portugueses para além Reno tornava-se uma aposta dispendiosa e complicada, inclusivê por causa da língua¹². A estada do jovem Gaivão na Lorena francesa terá ajudado a limar esta «aresta», mas mesmo assim pode dizer-se que esse destino não era o mais óbvio: o próprio pai escolhera a França (e não a Alemanha) para se graduar em engenheiro silvicultor.

Percebe-se, por outro lado, ter havido uma escolha muito cuidada e concebida por fases do destino de formação: a primeira implicou a ida para Döbeln, uma cidadezinha bucólica e tranquila sita no *land* da Saxónia (no extremo leste do Reich, faceando com o então Império Austro-Húngaro, actual República Checa), onde se hospedou em casa do Professor Dost e frequentou o 3.º ano de uma Escola Agrária, mantendo-se aí cerca de três anos – período decisivo na sua adaptação à língua, à cultura e ao ensino germânicos. Fez o tirocínio indispensável que lhe permitiu seguir depois para a prestigiada Universidade Friedrich Schiller¹³ de Iena, sita no *land* da Turíngia, cuja história se misturou durante muito tempo com a da vizinha Saxónia. Na Universidade de Iena viria a concluir

¹² Em uma carta para seu irmão José com data de 4 de Agosto de 1885, o poeta António Feijó refere o caso de um jovem diplomata, em 1885, que cursara Direito e Filosofia numa universidade alemã: *o Conde de S. Mamede, que ainda ha pouco foi louvado no Diário do Governo pelos serviços prestados durante a conferência de Berlim, onde serviu como 2.º Secretário. É além de um rapaz inteligente, ilustrado e estudioso – bacharel em Direito e em Philosophia pela Universidade de Leipzig.* Cf. QUEIRÓS, Francisco Teixeira de – *Cartas íntimas de António Feijó*. Coimbra: 1961, p. 23 (separata de O Instituto, vol. 123).

¹³ Por amável disponibilidade do Professor Jürgen Schmidt-Radefeldt, do Instituto de Romanística, da Universidade de Rostock, pudemos obter do *Universitätsarchiv* algumas cópias que confirmam a matrícula e frequência de Pedro Gaivão no Curso de Agronomia da Universidade de Iena. E na documentação pessoal que passou para a posse de seus herdeiros encontramos, assinado e anotado pelo próprio, uma espécie de Anuário da Faculdade de Agronomia de Iena: *Alt-Herrn-Verzeichnis der acd.-landwirtschaftl. Verbindung «Agronomia Jenensis». Aufgestellt im S.-S.-1897.*



Pedro Gaivão usando o boné estudantil e ...

a sua formação em Agronomia, participando activamente na respectiva vida académica ao ponto de ingressar numa das trinta e duas «corporações de estudantes» – a *Jenensis Agronomia* – existentes nessa Universidade quinhentista.

O *Tagebuch* em destaque nasceu, pois, de opções e circunstâncias pessoais que lhe conferem, à partida, uma marca *sui generis*. Não surpreende, por isso, que nos tenhamos interrogado sobre quantos espécimes similares e mais ou menos coevos poderão ter existido, mas foi-nos impossível satisfazer essa natural e pertinente



... trajando o uniforme do *Corps Agronomia*.

questão. É, contudo, possível e oportuno situá-lo no grupo genérico a que pertence – o de relatos ou escritos de portugueses relacionados com a sua estada na Alemanha.

3. Não pretendemos, nem podemos neste apontamento, deliberadamente conciso e breve, proceder a um levantamento de textos similares ou parecidos com o que aqui nos ocupa feitos por portugueses em visita à Alemanha entre final do séc. XIX e alvares de novecentos. Mas temos de estabelecer um rápido paralelismo com a reduzida amostra que conhecemos, porque a comparação

permite-nos, desde logo, compreender algumas especificidades mais salientes ou óbvias do *Diário* de Pedro Gaivão.

A nossa amostra é, de facto, reduzidíssima e não inclui nenhum diário propriamente dito. Pauta-se, aliás, pela diversidade de géneros discursivos: o citado testemunho memorialístico do general Gomes de Sousa; o relatório de viagem de estudo do capitão João António Correia dos Santos ¹⁴; a colectânea de artigos ou crónicas do operário, sindicalista e publicista António Pedro Muralha impressas no *Diário de Notícias* ¹⁵; e a série rica e extensa de artigos ou crónicas publicadas na revista *O Ocidente. Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro (1875-1915)* ¹⁶.

Deixámos intencionalmente de lado textos de pendor interventivo, como o opúsculo de Guerra Junqueiro *O Monstro Alemão* ¹⁷ que surgiram mais directamente inspirados pelo fragor do conflito bélico europeu de 14-18, porque escapam ao padrão mínimo exigível pela comparação em foco. Com efeito, os escassos casos referidos são produto de adultos que se deslocaram à Alemanha e/ou recolheram informação sobre ela, descrevendo acontecimentos e situações, mas também manifestando suas apreciações mais ou menos vincadas sobre a ordem, a disciplina, o progresso económico, a organização política, a vida social, o funcionamento das cidades, a paisagem natural e humana das aldeias... As crónicas de Pedro Muralha mostram bem como ele – um socialista – se deixou impressionar favoravelmente pelo contributo da social democracia e dos sociólogos alemães no desenvolvimento e prosperidade do II Reich, embora não pudesse apoiar o violento e sanguinário expansionismo germânico, prevendo a derrota face às potências aliadas que desejavam a paz: *Sim. Eu continuo a admirar a Alemanha, industrial, científica e operaria. No futuro continuarei a admirar-a*

¹⁴ Ver SANTOS, João António Correia dos – *Impressões de uma viagem de estudo: a instrução, a vida militar e as grandes indústrias na França e na Alemanha*. Lisboa: Tipografia da Cooperativa Militar, 1914.

¹⁵ Ver MURALHA, Pedro – *A Alemanha perante a Europa* Prefácio do Dr. Alfredo da Costa, 1.ª edição. Lisboa: Livraria Ventura Abrantes, 1914.

¹⁶ Ver RAMALHEIRA, Ana Maria Pinhão – *Imagens da Alemanha em O Ocidente*. *Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro (1878-1915)*. *Biblos*. Coimbra, 70 (1994) p. 389-448.

¹⁷ Ver JUNQUEIRO, Guerra – *O Monstro alemão: Atila e Joana D'Arc: opusculo oferecido á Junta Patriótica do Norte e cujo produto de venda se destina a sua obra de Assistência aos Orfãos de Guerra*. Porto, 1918.

com maior entusiasmo. A derrocada imperialista ha-de, inevitavelmente, exterminar os males que esse paiz enferma¹⁸

A intenção de publicitar o que foi visto e conhecido contrasta, efectivamente, com a função intimista e reservada do *Diário* de Pedro Gaivão. Aos dezassete anos começou o seu relato de forma acentuadamente descritiva ou enumerativa, estilo que virá a evoluir para um registo mais dialógico (as «folhas dos cadernos» converter-se-ão em «interlocutor» do Ego diarístico) após ter adquirido e lido *Ein schlechter Mensch* de A. von Gersdorff. Essa leitura foi decisiva, como o próprio reconhece: deixou de registar diária e sinopadamente as coisas, passando depois a intercalar pausas ou saltos cronológicos na narrativa que lhe permitiram um olhar mais retrospectivo e reflexivo sobre o acontecido/vivido, mas sem modificar os motivos que o levaram a escrever um *Tagebuch*. Motivos singulares que o afastam completamente dos casos da referida amostra.

Pedro Gaivão confessou, nas páginas que foi redigindo durante o seu agradável «exílio» em Döbeln e em Iena, ter descoberto no acto da escrita o modo prático de combater a solidão. Não buscou a exposição pública, pensando em dar ao prelo as crónicas de viagem ou mesmo um texto auto-biográfico com interesse editorial, limitando-se antes a exercitar-se em todos os níveis, desde o linguístico (optou por escrever numa língua difícil e estranha, que não era a sua) até ao psicológico (pretendeu sublimar as agudas saudades que sentiu do lar materno e dos diferentes lugares da sua memória afectiva). Há, assim, uma vincada dimensão utilitária ou funcionalmente pessoal neste texto que o singulariza ainda mais.

4. Do contexto passamos agora ao texto, materialmente fixado em quatro cadernos de formato próximo do in 8.º, em papel pautado, capas duras e sem numeração de folhas ou de páginas, possuindo apenas a sequência cronológica da narrativa diarística.

O *Tagebuch I* foi iniciado já na cidade de Iena em 22 de Outubro de 1899 e vai até 30 de Dezembro de 1901, num total de 229 páginas, embora integre retrospectivamente o período logo após a sua chegada a Döbeln de um modo rápido e enumerativo, destacando apenas os passeios dados nas férias.

O *Tagebuch II* vai de 1 de Janeiro de 1902 até 5 de Agosto de 1903, com 155 páginas.

¹⁸ Cf. MURALHA, Pedro – *A Alemanha perante a Europa*, ob. cit., p. 202.

O *Tagebuch III* tem como subtítulo *An Bord des «Feldmarschalles» an der Küste Portugals, d. 5 September 1903. // Lourenço Marques, d. 2 Dezember 1903*, com 65 páginas.

Há ainda um *Tagebuch IV* escrito em Lourenço Marques, de 2 Dezembro de 1903 a 8 de Janeiro de 1904, com 33 páginas.

Como já atrás referimos o registo factualista constitui, de facto, a matriz dominante da narrativa, balizada entre 22 de Outubro de 1899 e 5 de Setembro de 1903, se excluirmos, claro está, deste leque cronológico os cadernos preenchidos rumo a e em Lourenço Marques, destino de Pedro Gaivão ao reencontro do pai e em busca de plena profissionalização, alcançando, de facto, uma carreira cheia de sucesso e prosperidade no domínio comercial.

No início do *Tagebuch I* Pedro Gaivão condensa o relato do tempo passado em Döbeln, em que avulta sobretudo a enumeração de seus compromissos e abundantes passeios, mais do que a descrição impressionista e reflexiva das paisagens, instituições e pessoas. Nas férias deu vários e longos passeios pela Saxónia e por outras regiões da Prússia, tendo visitado na Páscoa de 1898 Berlim, onde se demorou 8 dias, prosseguindo seus pèriplos por diversas localidades com a indicação exacta do tempo de permanência. Férias houve em que passou na casa dos Preller e na dos Bahner¹⁹ em Riesa. Alguns dos seus passeios, estes mais perto de Döbeln, fê-los de bicicleta – um meio de locomoção já muito popular por esses lados. E nas férias do Natal de 1899 foi de Döbeln de comboio até Graslitz na Boémia com várias paragens. A par dos frequentes passeios (de bicicleta, de comboio, de trenó...) teve uma intensa actividade lúdico-recreativa: tennis, bilhar, patins sobre o gelo, ida a bailes e concertos...

Convém ainda sublinhar que além da família Dost onde se hospedara, Pedro Gaivão teve, em Döbeln, um convívio intensíssimo com a família Wirth (mais tarde este nome reaparecerá na sua vida de homem de negócios e de gerente de uma importante firma sediada em Lourenço Marques).

Podemos distinguir neste primeiro *Diário* uma segunda «parte», que corresponde ao relato da estada em Portugal para onde partiu de Döbeln a 9 de Abril de 1900 via Frankfurt, Mainz, Colonia e Amsterdam, embarcando daí directo a Lisboa, onde esteve até 29 de Abril. Estanciou, depois, em várias localidades da geografia

¹⁹ Não temos a certeza quanto à grafia deste nome.

familiar até 7 de Outubro, data em que regressou a Lisboa e aí esteve até 11 preparando as coisas para a partida.

A terceira «parte» inclui o retorno à Alemanha. No dia 12 esteve em Paris, a 14 em Weimar, que visitou, e chegou a Iena a 15 de Outubro, indo quase logo morar para a casa n.º 8, Steinweg. No dia seguinte foi para Döbeln onde esteve até ao dia 20 e de lá foi a 21 a Riesa e voltou a 22 para Iena, sempre de comboio. Matriculou-se a 27 de Outubro no Curso de Agronomia da prestigiada Universidade de Iena, fundada em 1558 e importante centro cultural e filosófico. Por lá passaram Goethe, Schiller, Feuerbach, Schelling entre outras proeminentes figuras da cultura e política alemãs. Não perdeu, porém, o contacto com os Dost de Döbeln, nem com os amigos Preller de Riesa, e descreveu, com minúcia, o tempo passado em Iena – referência às aulas, mas sobretudo aos passeios. Weimar, Leipzig e muitas outras localidades da Turingia e da Saxónia foram por ele visitadas, hospedando-se em casa de novas famílias amigas. Não deixou ainda de assinalar os eventos artísticos e culturais (concertos, peças de teatro, etc.) que pôde usufruir.

No *Tagebuch II* prossegue a narrativa que entretanto fora corrigida pela leitura do livro de Gersdorf em que Arnold Meister surge como protagonista central e engloba três momentos importantes: os últimos meses de estudante em Iena; o regresso definitivo a Portugal, onde permanece de Agosto a Novembro de 1902; e a partida para Moçambique.

A sua permanência em Iena decorreu até 27 de Julho, data em que partiu para Hamburgo a fim de embarcar com destino a Lisboa, onde chegou a 6 de Agosto.

Com a minúcia geométrica que nos parece ser um traço indelével de sua personalidade que o acompanhará até à morte, registou no segundo caderno a sequência de factos e datas que marcaram a sua vida até desembarcar em Lourenço Marques:

Entre 6 d'Agosto, data em que cheguei a Lisboa, e 5 de Setembro, dia em que parti para Africa, estive nas terras que passo a indicar, com as datas aproximadas. Não tenho a certeza absoluta das datas, mas a diferença deve ser pequena. Oeiras (6 a 10 de Agosto), Arcos de Val de Vez (Coutada) (14 a 25 de Agosto), Granja (25), Leiria (Varzea) (26), Oeiras-Lisboa (27 a 30 de Agosto), Algarve (31 de Agosto a 3 de Setembro), Oeiras (4 e 5 de Setembro). Embarquei em Lisboa a 5 de Setembro no «Feldmarschall» com destino a Lourenço Marques. Fizemos as seguintes escalas: 9 e 10 de Setembro, em Napoles; 20, em Aden; 27 em Tanger; 28 e 29 em Dar-es-Salaam; 30 de Setembro

e 1 e 2 de Outubro, em Zanzibar, a 4 em Moçambique; a 7, na Beira. Não desembarquei em Port-Said, em Suez, em Mombassa, nem no Chinde. Chegámos a Lourenço Marques a 10 d'Outubro. N'esse ano não tornei a sair de L. M.

Aguardava-o aí seu pai que na altura não estaria a ocupar funções de administrador florestal ou actividade afim com as suas habilitações técnicas. É intrigante uma nota de Pedro Gaivão pela qual ficamos a saber que os seus primeiros tempos em Moçambique não foram desafogados e chegou mesmo a viver com o pai num Farol!...

As exigências de uma vida profissional que lhe possibilitasse a sobrevivência levaram-no a confessar com data de 8 de Janeiro de 1904, «última entrada» no quarto caderno: *Neste momento tenho ocupação a mais para fazer registos regularmente da minha vida no diário. Para fazer face a essa escassez de tempo, comprei uma «prensa copiadora»²⁰ e os materiais adjacentes para fazer cópia das cartas mais longas. Dessa forma mantenho uma espécie de diário sem que me dê demasiado trabalho.* De salientar a atracção constante e intrínseca ao seu temperamento pelas novidades tecnológicas – é importante ter em conta que estamos em plena segunda vaga de industrialização incluída na conjuntura internacional do imperialismo, entre 1870-1918 – e a tendência quase compulsiva para a epistolografia e géneros de informação/comunicação correlativos. Ao longo de sua vida manteve e apurou este traço psicológico, redigindo imensas cartas, memorandos, ordens de serviço para funcionários e servidores, como era o caso dos feitores de sua Quinta da Coutada, em Giela, Arcos de Valdevez.

Apesar das eventuais dificuldades iniciais acabou por alcançar, como já se disse, uma próspera carreira comercial como sócio da Breyner & Wirth, empresa de navegação e representações comerciais fundada, em 1898, por D. Francisco de Mello Breyner, 3.º Conde de Mafra e Fritz Otto Wirth, como se pode ver nas memórias de Teodorico Sacadura Botte publicadas em 1987²¹ e onde é expressa-

²⁰ Mecanismo que deu origem ao chamado policopiador muito usado até ao aparecimento das fotocopiadoras nos anos sessenta.

²¹ Ver BOTTE, Theodoro César de Sande Pacheco de Sacadura – *Memórias e autobiografia*, volume 3. Maputo: Edição do Autor, 1985-1986, p. 1 e ss. Refira-se, aliás, que em 1970 a jornalista Maria Helena Bramão publicou um livro intitulado *Livro de Ouro do Mundo Português – Moçambique* (Lourenço Marques: Tipografia Académica) onde são referidos os pioneiros que no século XX mais contribuíram

mente dito que o alemão era, sem dúvida, o cérebro comercial e financeiro, o homem que tinha a visão dos negócios, mas faltava-lhe o prestígio e o «charme» de um fidalgo português da categoria de D. Francisco, e assim os dois associados constituíam um binário de irresistível força ²².

A formação adquirida na Alemanha devem ter pesado no ingresso de Pedro Gaivão numa empresa de raiz luso-alemã.

5. Mas a fase ultramarina, adulta e próspera do estudante bem nascido e privilegiado que teve o ensejo de estudar em Döbeln e Iena, fica obviamente fora do escopo desta sucinta comunicação. Motivou-nos a apresentação de um desconhecido *Diário* e é sobre ele que desejamos rematar este contributo, tecendo alguns comentários de síntese:

1. É um diário peculiar, começado aos 17 anos, embora tenha chegado com 15 a casa do Professor Dost, em Döbeln, com quem pôde não só exercitar a prática quotidiana da língua alemã, mas também pôde dar os primeiros passos num ambiente estranho. Trata-se, pois, de um «diário de aprendizagem» da língua e, ao mesmo tempo, de um «interlocutor» que ajudou imenso Pedro Gaivão a combater e atenuar a solidão sentida. Temos, assim, uma possível categoria diarística híbrida a ter em conta em análises globais sobre este género auto-biográfico.
2. A construção do texto não segue os cânones literários da época por manifesta falta de adequada preparação do autor, antes se pauta por uma lógica positivista e cienticista, muito associada, aliás, ao conhecido estereótipo oitocentista do sábio alemão: erudito, descritivo e experimentalista.
3. A acção predomina sobre a introspecção ou a apreciação estética das paisagens, dos seres e das coisas. Num registo

para o comércio, a agricultura e a indústria de Moçambique, fazendo aí menção à firma Breyner & Wirth nestes termos: *Desenvolvendo sempre os seus negócios de forma a acompanhar o progresso de Moçambique, a Firma tem vindo a expandir a sua actividade comercial, de forma que é hoje sub-dividida nas seguintes secções independentes: – Seguros, Armazenagem e Trânsito Internacional, Técnica, Comércio Geral, Farmacêutica e Firestone.*

²² Cf. BOTTE, Theodoro César de Sande Pacheco de Sacadura – *Memórias e autobiografia*, vol. 3, ob. cit., p. 5.

naturalmente egocentrado, o Autor privilegia o relato circunstanciado de suas deslocações e ocupações, embora, após a leitura do livro de A. von Gersdorff, tenha sentido necessidade de alterar a sua narrativa numa inflexão mais intimista e dialógica.

4. Marcados por uma obsessiva preocupação com o rigor que detalhes, como a indicação ao minuto da hora de partida ou chegada do comboio a determinadas localidades, deixam bem vincados, os *Tagebücher* de Pedro Gaivão constituem uma interessante «fonte» para o trabalho historiográfico e para a hermenêutica porque se, por um lado, parecem oferecer «quimicamente pura» a tão ilusoriamente almejada «verdade histórica» através de uma rigorosa memória do factual, por outro não passam de um reduzido e «fabricado» fragmento do acontecido e sobretudo da vivência polidimensional e complexa do respectivo Autor no seu tempo e espaço.

Separata do livro
PORTUGAL - ALEMANHA BRASIL
Actas do VI Encontro Luso-Alemão
Volume I